

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP

COGEAE

Dissertação para a conclusão do Programa de Pós Graduação em
SEMIÓTICA PSICANALÍTICA – CLÍNICA DA CULTURA

O útero da Terra-Mãe

Por ANA LUIZA MASSAINE MOULATLET

Orientador: PROF. DR. CLOVIS PEREIRA DOS SANTOS

São Paulo, julho de 2010

1- INTRODUÇÃO

O preço da metáfora é a eterna vigilância, nota o geneticista de Harvard Richard Lewontin **(1)**. Tendo isto como ponto de partida, a proposta desse trabalho é detectar a recorrência da metáfora do útero no discurso contemporâneo, agora conectada à preservação da natureza, esta vista como o último útero - o da Mãe-Terra - a que teremos direito. A temática obviamente não é nova, embora ressurgja com nova roupagem de tempos em tempos. Aponta-se Aristóteles como o primeiro a abordar o tema da metáfora, identificando-a como termo genérico que abarca todas as figuras retóricas em geral. Por conseguinte, ao falar de metáfora, refere-se simultaneamente, e em sentido lato, a toda a atividade retórica.

Nesta acepção, Aristóteles na Poética (capítulos 21-25) e na Retórica (livro III) designa metáfora como "o transporte a uma coisa de um nome que designa um outro, transporte quer do gênero à espécie, quer da espécie ao gênero, quer da espécie à espécie ou segundo a relação de analogia". **(2)**. Isto posto, ressalto que meu foco, a recorrência da metáfora do útero conectada à terra, traz matizes curiosas. O fim da terra como nosso útero último vem tingido de cores de histeria. Embora o narcisismo primário só tenha manifestação plena no útero, continua fazendo parte da personalidade adulta em estado latente, podendo regredir à condição originária em situação normal (sonho) e patológica (psicose), como mostra Freud **(3)**. Neste caso, a análise deveria ser direcionada para privilegiar uma relação objetal que acolhesse o

narcisismo místico do paciente, entendendo o “sentimento oceânico” [sic] a que sempre se referia, como desejo de retorno ao útero (Freud, 1929). O trauma inconsciente primitivo, que se repete compulsivamente, não se torna consciente por qualquer meio, mas seus efeitos podem ser neutralizados por ambiente que se comporta diante dele de forma acolhedora, fornecendo-lhe um novo modelo a ser internalizado como objeto bom que irá favorecer a ligação da energia livre. **(4)**

Histeria tem origem no termo médico grego *hysterikos*, que se referia a uma suposta condição médica peculiar a mulheres, causada por perturbações no útero, *hystera* em grego. O termo histeria foi utilizado por Hipócrates, que pensava que a causa da histeria fosse um movimento irregular de sangue do útero para o cérebro **(5)**. A nova histeria vindica que, caso não preservemos o grande útero da terra, acabaremos como espécie. Brota de a hipótese Gaia, também denominada como hipótese biogeoquímica. É uma hipótese controversa a propor que a biosfera e os componentes físicos da Terra são intimamente integrados de modo a formar um complexo sistema que interage, e que mantêm as condições climáticas e biogeoquímicas preferivelmente em equilíbrio. Originalmente proposta pelo cientista britânico James Lovelock como hipótese de resposta da Terra, ela foi renomeada conforme sugestão de seu colega, William Golding, em referência a Deusa grega suprema da Terra, Gaia. Tal hipótese frequentemente descreve a Terra como um único organismo vivo. Lovelock, juntamente com a bióloga norte-americana Lynn Margulis, analisaram pesquisas que comparavam a atmosfera da Terra com a de outros planetas, vindo a propor que é a vida da Terra que cria as

condições para a sua própria sobrevivência, e não o contrário, como as teorias tradicionais sugerem. **(6)**

Os dados desse quadro são alarmantes. Relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, divulgado em 2007, dá indícios de um literal e figurativo fim desse útero (que é a capa da Terra a nos proteger). Vejamos: o nível dos oceanos vai aumentar de 18 a 59 centímetros até 2100, o que significa que 200 milhões de pessoas terão de abandonar as suas casas; o encolhimento das geleiras ameaçará o suprimento de água para pelo menos 50 milhões de pessoas; ao menos 300 mil pessoas morrerão a cada ano devido a doenças relacionadas a alterações climáticas. As geleiras estão derretendo três vezes mais rápido do que na década de 80, o que provocou a diminuição de espessura de 60 a 70 centímetros em média apenas em 2005; 11 dos últimos 12 anos foram os mais quentes desde que a temperatura terrestre começou a ser medida em 1850 **(7)**.

2-QUADRO CONCEITUAL

Aqui discuto os principais autores que pautaram a presente reflexão, feita a partir dos conceitos de decadência e degeneração - lembrando que Freud, em sua formação acadêmica, foi estudar degeneração com Charcot, em Paris, então a maior autoridade mundial no tema, a partir do segundo lustro do século 19. Partindo disso, elegi autores e alguns conceitos específicos, sobre os quais pretendo discorrer neste tópico.

2.1 – O conceito de decadência

Segundo Arthur Herman, autor de “A idéia de decadência na história ocidental”, a idéia de decadência é na realidade uma teoria sobre o significado e a natureza do tempo. É, por conseguinte, a idéia de progresso, sendo ambas as ideias dois lados da mesma moeda. Para ele, toda teoria de progresso sempre compreende uma teoria de decadência, já que as “inevitáveis” leis históricas podem tão bem recuar quanto avançar. “Da mesma forma, ao encontrarmos uma teoria sobre a decadência da civilização ocidental, decerto descobriremos uma teoria do progresso subjacente”, diz Herman. **(1)**

Por que então, questiona o autor, esse sentimento de decadência é tão comum em todas as culturas? Porque ele pode simplesmente refletir a experiência humana com as várias transições físicas desde infância até a maturidade e a irremediável degeneração da

capacidade física e mental na velhice, mostrando a efemeridade da existência, responde. Assim, a lembrança coletiva do passado tende a ser de um mundo dotado de forças que agora parecem perdidas, e que formariam os principais estágios da existência humana **(2)**.

De acordo com o livro, a palavra *civilisation* surgiu pela primeira vez na França. A princípio, *civilisé* era sinônimo de proporcionar um bom governo ou estar “bem policiado” (*policé*). Logo, porém, *civilisation* passou a denotar mais do que apenas uma forma específica de governo; ela se referia a um processo que levava o povo dos costumes (*moeurs*), das instituições e da existência material caracterizada como primitiva para uma vida mais sofisticada ou “civilizada”. A civilização era um processo histórico com princípio e fim. Ela tornava os povos diferentes, mas também melhores do que em seu estágio primitivo ou selvagem **(3)**.

Para o historiador liberal francês François Guizot, a ideia de progresso e a ideia de civilização são inseparáveis, pois o segundo oferecia ao moderno habitante urbano seu gosto pelas belas-artes e pela música, sua compreensão científica do mundo e a instintiva repugnância pela violência, crueldade, superstição e despotismo político. Já o autor A.R.J. Turgot acredita que a Europa agiu para vencer o aspecto bárbaro e selvagem de sua personalidade coletiva, acreditando que o traço racional e científico constante era o emblema de seu sucesso **(4)**.

Em “Declínio e queda do Império Romano” (1776), obra mais famosa do Iluminismo, Edward Gibbon mostra que o Império Romano estava fadado à autodestruição pelo próprio sucesso. Para Herman, Todos os grandes impérios e sociedades chegam a um

fim, segundo essa imaginação histórica, chegam a um ponto sem volta, após o qual devem ser substituídos por algo diferente. “O curso do império” incorpora necessariamente um ciclo de desenvolvimento, decadência e destruição. Isso foi descrito pelo historiador John Anthony Froude da seguinte maneira: “A virtude e a verdade geram a força que gera o domínio, que gera os ricos, que geram o luxo, que gera a fraqueza e o colapso – sequência fatal tantas vezes repetida” **(5)**.

Portanto, havia um alto preço a ser pago pelo progresso, e com o mundo capitalista e em desrespeito com a natureza não seria diferente. Em 1794, o reverendo Robert Malthus já havia aferido que o crescimento da riqueza da sociedade mercantil e o conseqüente aumento da população já poderiam exceder seus próprios meios de subsistência. As conseqüências seriam a fome, a miséria e a ruína **(6)**.

Jean-Jacques Rosseau esquematizou o balanço definitivo da civilização e da barbárie no final do Iluminismo, explica Arthur Herman. Tudo que seus antecessores elogiaram no processo civilizador, Rosseau submeteu a uma severa análise crítica. O refinamento nas artes e na ciência, a polidez nas relações sociais, o comércio e o governo moderno não estavam melhorando os padrões morais dos homens, proclamou Rosseau, mas tornando-os cada vez piores. O pensador Rosseau inverteu os polos da civilização e da barbárie. Suas exaltações ao homem primitivo, o “*noble savage*” (bom selvagem) que vive em tranquila harmonia com a natureza e com os outros seres humanos seus companheiros, denotavam reprovação a seus refinados

contemporâneos parisienses. Mas significavam também uma censura à idéia de progresso na história **(7)**.

Rosseau foi o primeiro grande crítico do capitalismo e da sociedade civil. Seu exemplo se mostrou insuperável. Às vésperas da Revolução Francesa, os discípulos de Rosseau proclamavam que a verdadeira felicidade não envolvia a integração na sociedade, mas a libertação dela. Assim como os ambientalistas atuais, que pregam a desvinculação dos ideais de consumo atuais **(8)**.

Para Herman, decadência significa literalmente “dissolver”, conforme os antigos romanos costumavam descrever a perda de uma norma ou padrão de excelência literária estabelecido. Da mesma forma que o termo “declínio”, a palavra tornou-se inseparável da imagem da queda do Império Romano. Era e ainda é um termo de ofensa, não de análise. Mas decadência implicava também a relação de declínio dos padrões intelectuais e morais com grandes mudanças sociais e econômicas. A decadência começa de cima, quando a elite perde o desejo de manter a velha ordem. Políticos, artistas e aristocratas “decadentes” aceitam e adotam o colapso iminente, ao invés de resistirem a ele. Em 1903 Arthur Balfour expressou isso da seguinte maneira: “Quando se está num antigo mas ainda poderoso Estado, espalha-se um profundo desinteresse; quando a reação contra os males recorrentes enfraquece, o esforço diminui e o vigor se vai, então, conforme penso, está ocorrendo um processo de degeneração social”, que pode ser chamado de decadência **(9)**.

Enquanto Thomas Huxley, discípulo de Darwin, dizia que “é um erro imaginar que a evolução significa uma tendência constante à perfeição. (...) A metamorfose retrógrada é tão viável quanto a

metamorfose progressiva” **(10)**, o zoólogo darwinista Henry Maudsley afirmava que “existe de fato uma mente selvagem dentro do cérebro do homem”. (...) Os biólogos do século XIX chamaram essa sobrevivência de traços selvagens de “atavismo”, do latim *atavus*, ancestral distante (...) O atavismo seria a pedra fundamental da teoria da degeneração **(11)**.

Segundo Arthur Herman, a teoria de regressão psicológica de Freud substitui a degeneração fisiológica ao explicar o movimento da razão em direção à irracionalidade e à desordem. A regressão ocorre no indivíduo, mas também na sociedade como um todo (...) A sucessora da sociedade primitiva, a sociedade moderna, não está imune ao selvagem e ao irracional. Seus crimes e impulsos originais sobrevivem na memória coletiva e nas instituições que dão sentido e estrutura à vida social. Como disse Freud, “a mente primitiva é, no mais complexo sentido da palavra, indestrutível”. O primitivo e o selvagem subsistem como parte da psique do indivíduo na forma do id. (...) Para Freud, em suma, a formação cultural do homem desmente a afirmação de que a civilização seja um estado nitidamente diferente da barbárie, já que as estruturas psicológicas internas de ambas são de fato as mesmas **(12)**.

Para o autor, a idéia de decadência faz sua última aparição no ambientalismo moderno. Como ideologia, o ambientalismo nasce de origens complexas e aparece sob as formas de pessimismo histórico e pessimismo cultural. Por um lado, ele sustenta os medos da tecnologia e da degeneração do século XIX, assim como a falta de liderança liberal. Por outro, repousa na suposição de que a poluição, a exploração de recursos naturais e a deterioração do

meio ambiente são problemas especificamente ocidentais que marcam o estágio terminal do Ocidente moderno **(13)**.

A imagem mais duradoura dessa visão romântica da ciência, do homem racional contra a natureza vital, foi a máquina. De Francis Bacon a Saint-Simon, a tecnologia foi vista como um aspecto essencial do progresso, precisamente porque parecia expressar o oposto das tendências destrutivas do homem. As máquinas permitiram aos seres humanos criar uma riqueza infinita sem a necessidade de conquista ou exploração. O vitalismo romântico frustrou essa perspectiva para sempre. A tecnologia era agora um processo completamente mecânico, destituído de qualquer valor humano ou reabilitação espiritual. Por volta da segunda metade do século XIX, o avanço tecnológico do homem ocidental estava começando a parecer uma ordem pré-organizada, impessoal e quase opressiva, explica Herman **(14)**.

Pioneiro do gênero da ficção científica: H.G.Wells (*A ilha do doutor Moreau*, 1896), Wells vê na ciência e na tecnologia um novo tipo de revolta contra a natureza. Essa não era a conquista romântica de Verne, mas uma agressão direta contra o imperativo biológico da própria evolução, algo que precisa exigir enfim sua vingança. Assim como tantos de sua geração, Wells temia que a evolução e o progresso estivessem seguindo direções opostas **(15)**.

Já Babby Commoner (*O círculo fechado*, 1971), previu que os recursos de combustíveis fósseis e minerais acabariam ao final do século porque o Ocidente os estava consumindo muito rapidamente. Para ele, “saquear o planeta” tinha se tornado o imperativo da civilização ocidental; sua dinâmica de crescimento econômico e progresso traz inevitavelmente a poluição catastrófica

e a diminuição dos recursos. Da mesma maneira que o capitalismo foi, para os marxistas, um sistema de apropriação dos trabalhadores, era agora um sistema de apropriação do próprio planeta. “A Terra não é poluída porque o homem é um tipo de animal sujo, nem porque existem muitos de nós. O problema repousa na sociedade humana – nos meios que ela elegeu para obter, distribuir e utilizar as riquezas extraídas pelo trabalho humano” **(16)**.

De acordo com o relatório do Worldwatch Institute de 1991, o desenvolvimento econômico sustentável é aquele que não se estende além dos recursos disponíveis: “Tal economia apresenta uma população estável (...) um sistema de energia [que não produz] gases poluentes (...) e um nível de demanda material que não excede o rendimento sustentável das florestas, prados ou pesqueiros, nem destrói sistematicamente as outras espécies com as quais dividimos o planeta”, diz o relatório. Nele, o Worldwatch Institute admitiu que “construir uma economia ambientalmente sustentável poderia revolucionar quase todas as faces da existência humana”. É claro que a “transição para um mundo ecologicamente seguro” exigiria a mobilização de todos os poderes do Estado e dos órgãos internacionais, como, por exemplo, as Nações Unidas. Contudo, “a esse ponto só chegaremos se estivermos coletivamente prontos a empreender a luta imprescindível para fazer acontecer um novo mundo” e salvar o planeta **(17)**.

O fim do Ocidente, anunciaram os defensores mais radicais da ecologia das décadas de 1970 e 1980, abriria as portas para uma comunidade humana vital, holística, enraizada em uma nova visão orgânica da natureza, afirma Hermann no livro. Essa revisão radical

culminou no movimento influente do Deep Ecology, que se descreveu como “ultrapassando o nível chamado científico efetivo para o nível da sabedoria do Ego e da Terra”. De fato, a filosofia vitalista da vida, implícita tanto no ariano racial de Gobineau quanto no super-homem de Nietzsche, revela mais do que um vínculo casual com o movimento da ecologia contemporânea. Os ecologistas conseguiram ensaiar os mesmos argumentos que dividiram os nietzschianos e outros pessimistas culturais na Alemanha no período do entre-guerras, e que se centravam ao redor do lema: “Volta à terra” **(18)**.

O termo “ecologia” foi cunhado em 1866 por Ernst Haeckel como parte do seu monismo vitalista biológico. Ele descreveu a ecologia como “ciência das relações entre os organismos e seu ambiente”, que acreditava formar a cadeia básica da vida. No holismo evolutivo de Haeckel, a natureza em toda sua variedade e diversidade formava uma totalidade, como uma substância infinita sem princípio nem fim – é apenas a mesma força vital evolutiva que aparece em todos os lugares e em tudo – inclusive no homem **(19)**.

Haeckel, segundo o livro, alimentava esperanças de que a sua filosofia monística substituiria o culto ao Deus do cristianismo pela adoração da natureza, da mesma maneira que iria substituir o individualismo egoísta por um novo monismo ético no qual todos reconheceriam que os seus interesses e os interesses da comunidade fossem um só. Na visão monística, os animais devem desfrutar um estatuto equivalente ao dos homens, enquanto companheiro sensível, social, e até mesmo (no caso dos vertebrados superiores) criaturas racionais. Para Haeckel, o animal

e seu habitat – incluindo o homem e seu meio ambiente – formam uma só unidade (20).

No ambientalismo alemão do período entreguerras, Heidegger via a perda da modernidade do contato com a natureza como parte da perda do Ser pelo homem moderno. Ele insistia que o homem precisava se tornar servo, não senhor, da natureza; o novo homem deveria aprender a abandonar a tecnologia e o consumismo e aceitar seu lugar humilde na unidade da natureza (21).

Em 1969, estudantes radicais em Berkeley criaram o pretense parque do povo, organizando uma “conspiração da terra” para reformar a terra das relações de propriedade capitalistas. Um radical chegou a alegar que as árvores eram como outras minorias exploradas na América, como os negros, os vietnamitas e os hippies (...) Em *The Greening of America*, Charles Reich assegurava aos leitores que “uma revolução está para acontecer” e “trará um relacionamento renovado do homem com ele mesmo, com os outros homens, com a sociedade, com a natureza e com a terra”. Na verdadeira forma nietzschiana, essa revolução será liderada pelos jovens. Agindo como os portadores da vitalidade pura, a juventude norte-americana quebrará os laços artificiais da sociedade tecnológica com o rock, as roupas e os penteados e a liberdade sexual, assim como o seu instinto para a natureza. Muitos como a juventude alemã ou Martin Heidegger, “os membros de uma nova geração procuram a praia, os bosques e as montanhas”. Ecoando um tema ariano antigo, Reich acrescentou que “a floresta é o lugar de onde eles vêm, é o lugar onde eles se sentem mais próximos de si mesmos, é renovação. A natureza não é um movimento estrangeiro. A natureza é eles” (22).

De todas as ramificações da “nova esquerda”, o ambientalismo provou ser a mais bem-sucedida. Em 22 de abril de 1970, sua popularidade tomou forma oficial com a celebração do Dia da Terra. Em cena, lembrando o encontro do movimento da juventude alemã de 1913 nos montes Meissner, milhares de estudantes, hippies e adolescentes se aglomeraram em aulas e reuniões. A onda de entusiasmo popular atraiu grupos de preservação tradicionais e colocou figuras provenientes dos movimentos antipoluição, como Barry Commoner, Paul Ehrliche e René Dubos, em permanente evidência. O movimento obteve apoio do *establishment* político norte-americano, incluindo o presidente Richard Nixon. Seu organizador original, o senador Gaylord Nelson, do Wisconsin, explicou que “o Dia da Terra pode ser um ponto decisivo na história americana. Este pode ser o nascimento de uma nova ética americana, que rejeita a filosofia limitada de que o continente foi colocado aqui para o saquearmos. A partir de 1970, o Congresso ordenou uma série de leis e regulamentações ambientais gerais, começando com a Lei do Ar Puro. Apenas sete meses depois do Dia da Terra, o presidente Nixon criou o Departamento de Proteção Ambiental, encarregado de tratar “da qualidade do ar e da água e das emissões poluentes como parte de um único problema”. Ao mesmo tempo, o movimento ambiental recebeu uma pronta transferência de energia da “nova esquerda” **(23)**.

Em contraponto, o filósofo norueguês Arne Naess lamentava que esse ambientalismo tradicional “não perguntasse que tipo de sociedade seria a melhor para manter um determinado ecossistema”. Ao contrário, ele apelou para uma nova direção, a qual chamou de “ecologia profunda” (ou ecologia mental), que

corrigiria os pressupostos culturais que geraram a poluição em primeiro lugar. Como o monismo de Haeckel, a ecologia profunda de Naess significava o abandono de uma visão antropocêntrica do ambiente por uma visão “biocêntrica”. Tal qual a filosofia da existência de Heidegger, isso envolvia não apenas uma transformação da sociedade, mas do próprio homem. “O ego moderno ocidental”, explicou Naess, “é definido como um ego isolado lutando restritamente por uma satisfação hedonística ou (...) pela salvação individual nesta vida ou na próxima”. Essa falsa autoimagem “nos rouba do começo da nossa busca por nossa única humanidade espiritual/biológica” através da unidade com a natureza **(24)**.

Já Kirkpatrick Sale afirmava que a sociedade primitiva desfruta de uma Kultur que não tem vínculo conceitual com a Zivilization e assim permanece incontaminada por seus valores superficiais. Realmente, qualquer instinto que pudesse produzir tal impulso destrutivo é cuidado por uma espiritualidade que é, novamente, não antropocêntrica, mas biocêntrica, ou seja, considera o homem a criatura insignificante que ele é de fato. O ambientalismo radical não repudia a idéia do aperfeiçoamento do homem e do homem enquanto ser social (isto é, com certas necessidades individuais – físicas, morais, culturais – que devem ser satisfeitas em cooperação com outros para que ele seja feliz). O pessimismo cultural já havia concluído essa tarefa – um passar de olhos em Nietzsche ou Sartre ou até mesmo em Rousseau deixa isso claro. O ecologista radical vai mais longe que mesmo tendo tais necessidades os seres humanos não se preocupam. A ecologia profunda alega que “as necessidades materiais vitais do homem” são realmente muito

menores do que “a sociedade tecnocrática industrial” nos leva a crer. Podemos facilmente comer menos, beber menos, fazer menos – e decerto pensar e desejar menos **(25)**.

2.2 - A Máfia Verde

Meu foco agora é a discussão do tema conforme apresentado no livro *Máfia Verde*. Desenvolvido a partir dos trabalhos da Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento das Nações Unidas, mais conhecida como Comissão Brundtland, o conceito de “desenvolvimento sustentado” oculta uma retomada do velho paganismo, na forma de um novo culto à deusa Gaia. A chamada Hipótese Gaia, formulada pelo biólogo inglês James E. Lovelock e sua colega estadunidense Lynn Margullis, é uma teoria (segundo a qual a Terra seria um ser vivo de direito próprio e presciente, dotado de mecanismos de controle sobre os organismos constituintes da sua biosfera, inclusive o homem. Sob tal dogma, Gaia passa a ser sacralizada, juntamente com todos os seres que nela vivem, devendo os seus processos evolutivos ser deixados seguir o seu curso “natural”, de preferência, sem intervenção humana **(1)**).

De acordo com o livro *A Máfia Verde*, a primeira iniciativa de instrumentalização política do ambientalismo moderno ocorreu durante o Governo de Theodore Roosevelt nos EUA (1901-09), como parte das reformas elaboradas pelo rei inglês Eduardo VII para enquadrar os EUA dentro de uma “relação especial” com sua Pátria-Mãe, a Inglaterra. Entre elas, destacaram-se a criação de um Sistema de Reserva Federal como o banco central privado dos

EUA; do FBI, baseado ostensivamente na polícia secreta de Napoleão Bonaparte; e de fundações privadas, como a Fundação Rockefeller, encarregadas de elaboração de diretrizes políticas para vários setores da administração pública. Roosevelt era um defensor da tese fisiocrática de que a riqueza de uma nação está nos recursos naturais disponíveis em seu território e sob seu controle em outros países. Para tanto, ele foi introdutor da “conservação dos recursos naturais” como política oficial do governo estadunidense. Sob a orientação de Gifford Pinchot, o malthusiano fundador do Serviço Florestal dos EUA (1905), Roosevelt implementou uma política de estabelecimento de grandes parques florestais, principalmente no Oeste do país. Como parte do mesmo projeto, criou também o Conselho de Conservação e organizou a célebre Conferência dos Governadores, em Washington, em 1908, na qual a “conservação” foi estabelecida como política de Governo **(2)**.

Na Alemanha nazista - primeiro país europeu a estabelecer um sistema policial de proteção de reservas naturais e habitats silvestres, por meio de grupos especiais de tropas SS -, o “conservacionismo” ambiental foi associado à teorias racistas. Segundo a escritora inglesa Anna Branwell, os nazistas foram os primeiros ambientalistas radicais a governarem um Estado, além de terem influenciado “alguns dos dogmas do ambientalismo britânico” **(3)**.

Em 1961, Julian Huxley e Max Nicholson, juntamente com um importante grupo de notáveis da oligarquia britânica, fundaram o que viria a compor, juntamente com a UICN, o “Estado-maior” do movimento ambientalista: o Fundo Mundial para a Vida Selvagem (World Wildlife Fund), atualmente chamado Fundo Mundial para a

Natureza (World Wide Fund for Nature), utilizando a mesma sigla WWF **(4)**.

Em meados da década de 60, o cenário estava pronto para a deflagração do movimento ambientalista de massas. A partir das determinações do Instituto Tavistock, da UICN e do WWF, as diretrizes do movimento foram discutidas e estabelecidas numa série de reuniões promovidas na Europa sob os auspícios a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) e da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). (...) Um desses conclaves foi realizado em maio de 1967, em Deauville, França (Conferência sobre o Desequilíbrio e a Colaboração Tecnológica Transatlântica). Entre as conclusões da conferência: O progresso científico, tal como definido pelo domínio sucessivo do homem sobre as leis universais, deveria ceder lugar a uma visão do homem reduzido a uma parte da natureza **(5)**.

Em entrevista à revista EIR, em 27 de maio de 1980, o então secretário-geral do Clube de Roma – criado em 1968 –, Maurice Guernier, afirmou que “a nossa chave para o poder é o movimento ecologista, os partidos ambientalistas. O Clube de Roma começou esses partidos. O movimento ecológico, esses partidos, são muito úteis para nós, porque eles transcendem fronteiras, porque englobam tanto a esquerda, como a direita e, também, o centro. As pessoas não acreditam nos políticos, mas elas acreditam nos ambientalistas. Se o movimento ecologista for bem administrado, com pessoal bom...então, vocês verão populações inteiras começando a mudar suas ideias sobre muitas coisas e, então, os chefes de estado também terão que mudar as suas ideias” **(6)**.

Em um documento denominado “A primeira revolução global” (Pantheon Books, New York), escrito em 1991 por Alexander King e Bertrand Schneider (então secretário-geral da entidade), os “zerocrescentistas” do Clube de Roma chegam ao cerne da questão, ao afirmar: “Na busca de um novo inimigo para unir-nos, chegamos à ideia de que a poluição, a ameaça do aquecimento global, a escassez de água, a fome de coisas do gênero preencheriam esse papel...Todos estes perigos são causados pela intervenção humana...O inimigo real, então, é a própria humanidade” **(7)**.

Na virada dos anos 60 e 70, com as diretrizes básicas estabelecidas, os mentores do ambientalismo partiram para a sua institucionalização nas políticas de governo e transformação num movimento de massas. Um ponto de inflexão neste processo foi a aprovação, em 1969, da Lei de Política Ambiental Nacional (NEPA) pelo Congresso dos EUA, da qual resultou a criação da Agência de Proteção Ambiental (EPA), o primeiro organismo ambiental governamental com poderes restritivos do mundo **(8)**.

A Conferência das Nações Unidas para o Ambiente Humano, realizada em Estocolmo, em junho de 1972, introduziu a temática ambiental no cenário das relações internacionais, abrindo o caminho para a elaboração da série de tratados internacionais que se tornaria uma das marcas registradas do impulso ambientalista. (...) Como parte dos preparativos para a Conferência, Joseph Slater, ex-diretor de programas da Fundação Ford, ajudou a criar em Londres O Instituto Internacional para Assuntos Ambientais (IIEA), depois renomeado Instituto Internacional para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (IIED). Um resultado direto da

Conferência de Estocolmo foi a criação do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) **(9)**.

Na Europa, a disseminação do “vírus ambientalista” foi em grande medida proporcionada pelos esforços conjugados de um grupo de famílias oligárquicas anglo-holandesas, que se entrelaçam nos conselhos administrativos de grandes conglomerados empresariais **(10)**.

O documento *The Unfinished Agenda* (A Agenda Inacabada), publicado em 1977 e patrocinada pelo Fundo dos Irmãos Rockefeller, admite abertamente que o objetivo do projeto e do movimento ambientalista não é resolver o problema dos recursos escassos, mas promover uma mudança de valores na sociedade, afastando-a do compromisso com o progresso **(11)**.

O aprimoramento da “agenda ambiental” ocorreu com a criação da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, estabelecida pela Assembleia-Geral das Nações Unidas, em 1983. O objetivo principal da comissão, que ficou mais conhecida pelo nome da sua principal coordenadora, a ex-primeira-ministra norueguesa Gro-Harlem Brundtland, foi a consolidação do conceito de “desenvolvimento sustentável”, que se tornaria a pedra de toque do discurso ambientalista, a partir da publicação do relatório oficial da Comissão, em 1987, denominado *Nosso futuro comum*. (...) “O desenvolvimento sustentável é mais que crescimento. Ele exige uma mudança no teor do crescimento, a fim de torná-lo menos intensivo de matérias-primas e energia e mais equitativo em seu impacto. Padrões de vida que estejam além do mínimo básico só são sustentáveis se os padrões gerais de consumo tiverem por objetivo alcançar o desenvolvimento sustentável a longo prazo.

Mesmo assim, muitos de nós vivemos acima dos meios ecológicos do mundo, como demonstra, por exemplo, o uso de energia” **(12)**.

Se a década de 70 foi a da popularização do ambientalismo, a de 90 ficaria marcada pela elevação do mesmo ao plano superior da formulação de políticas públicas e das relações internacionais. Isto foi obtido, principalmente, pela implementação de uma série de tratados internacionais envolvendo temas ambientais, como o Protocolo de Montreal para a Proteção da Camada de Ozônio, a Convenção Quadro de Mudanças Climáticas e a Convenção sobre Diversidade Biológica. Outro elemento crucial para o processo foi a realização da Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, a chamada Cúpula da Terra ou Rio-92, realizada no Rio de Janeiro, em junho de 1992, da qual resultaram as convenções supracitadas e a chamada Agenda 21, um enorme conjunto de diretrizes destinado a introduzir o elemento ambiental, principalmente o conceito de “desenvolvimento sustentado”, em praticamente todos os ramos das atividades humanas **(13)**.

2.3 FREUD

O presente estudo agora se debruça sobre a apresentação de conceitos correlatos, na obra de Sigmund Freud, detendo-se nas citações e digressões que o autor tece sobre útero, natureza e civilização.

Em “Mal estar na civilização”, Freud afirma que quando começamos a considerar a possibilidade de afastar o sofrimento para sermos felizes, deparamo-nos com um argumento que sustenta que o que chamamos de nossa civilização é em grande parte responsável por nossa desgraça e que seríamos muito mais felizes se a abandonássemos e retornássemos às condições primitivas. “Chamo esse argumento de espantoso porque, seja qual for a maneira por que possamos definir o conceito de civilização, constitui fato incontroverso que todas as coisas que buscamos a fim de nos protegemos contra as ameaças oriundas das fontes de sofrimento, fazem parte dessa mesma civilização”, diz **(1)**.

Como foi que tantas pessoas vieram a assumir essa estranha atitude de hostilidade para com a civilização? Freud diz acreditar que seu fundamento consistiu numa longa e duradoura insatisfação com o estado de civilização então existente e que, nessa base, se construiu uma condenação dela, ocasionada por certos acontecimentos históricos específicos. Para ele, um fator deste tipo, hostil à civilização, já devia estar em ação na vitória do cristianismo sobre as religiões pagãs, de uma vez que se achava intimamente relacionado à baixa estima dada à vida terrena pela doutrina cristã. A penúltima dessas ocasiões se instaurou quando o progresso das viagens de descobrimento conduziu ao contato com povos e raças primitivos. Em consequência de uma observação insuficiente e de uma visão equivocada de seus hábitos e costumes, eles apareceram aos europeus como se levassem uma vida simples e feliz, com poucas necessidades, um tipo de vida inatingível por seus visitantes com sua civilização superior. A experiência posterior corrigiu alguns desses julgamentos. Em muitos casos, os

observadores haviam erroneamente atribuído à ausência de exigências culturais complicadas o que de fato era devido à generosidade da natureza e à facilidade com que as principais necessidades humanas eram satisfeitas **(2)**.

Durante as últimas gerações, a humanidade efetuou um progresso extraordinário nas ciências naturais e em sua aplicação técnica, estabelecendo seu controle sobre a natureza de uma maneira jamais imaginada. As etapas isoladas desse progresso são do conhecimento comum, sendo necessário enumerá-las. Os homens se orgulham de suas realizações e têm todo o direito de se orgulharem. Contudo, parecem ter observado que o poder recentemente adquirido sobre o espaço e o tempo, a subjugação das forças da natureza, consecução de um anseio que remonta a milhares de anos, não aumentou a quantidade de satisfação prazerosa que poderiam esperar da vida e não os tornou mais felizes. Reconhecendo esse fato, devemos contentar-nos em concluir que o poder sobre a natureza não constitui a única pré-condição da felicidade humana, assim como não é o único objetivo do esforço cultural, alega Freud **(3)**.

Para o autor, parece certo que não nos sentimos confortáveis na civilização atual, mas é muito difícil formar uma opinião sobre se, e em que grau, os homens de épocas anteriores se sentiram mais felizes, e sobre o papel que suas condições culturais desempenharam nessa questão **(4)**.

A palavra “civilização”, explica Freud, descreve a soma integral das realizações e regulamentos que distinguem nossas vidas das de nossos antepassados animais, e que servem a dois intuitos, a saber: o de proteger os homens contra a natureza e o de ajustar os

seus relacionamentos mútuos **(5)**. É através de cada instrumento civilizatório que o homem recria seus próprios órgãos, motores ou sensoriais, ou amplia os limites de seu funcionamento. A casa para moradia, por exemplo, constituiu um substituto do útero materno, o primeiro alojamento, pelo qual, com toda probabilidade, o homem ainda anseia, e no qual se achava seguro e se sentia à vontade **(6)**.

Segundo o autor, os países atingiram um alto nível de civilização quando descobrimos que neles tudo o que pode ajudar na exploração da Terra pelo homem e na sua proteção contra as forças da natureza, tudo, em suma, que é útil para ele – está disponível e é passível de ser conseguido. Nesses países, os rios que ameaçam inundar as terras são regulados em seu fluxo, e sua água é irrigada através de canais para lugares onde ela é escassa. O solo é cuidadosamente cultivado e plantado com a vegetação apropriada, e a riqueza mineral subterrânea é assiduamente trazida à superfície e moderada em implementos e utensílios indispensáveis (...), os animais selvagens e perigosos foram exterminados e a criação de animais domésticos floresce. Além dessas, porém, exigimos outras coisas da civilização, sendo digno de nota o fato de esperarmos encontrá-las realizadas nesses mesmos países. Como se estivéssemos procurando repudiar a primeira exigência que fizemos, reconhecemos, igualmente, como um sinal de civilização, verificar que as pessoas também orientam suas preocupações para aquilo que não possui qualquer valor prático, para o que não é lucrativo: por exemplo, os espaços verdes necessários a uma cidade como playgrounds e reservatórios de ar fresco são também ornados de jardins e as janelas das casas decoradas com vasos de flores. De imediato, constatamos que esta

coisa não lucrativa que esperamos que a civilização valorize, é a beleza **(7)**.

O instinto de destruição, moderado e domado, que, por assim dizer, inibido em sua finalidade, deve, quando dirigido para objetos, proporcionar ao ego a satisfação de suas necessidades vitais e o controle sobre a natureza (...) em tudo que se segue, adoto, portanto, o ponto de vista de que a inclinação para a agressão constitui no homem uma disposição distintiva original e auto-subsistente. Retorno à minha opinião de que ela é o maior impedimento à civilização. Em determinado ponto do decorrer dessa investigação fui conduzido à idéia de que a civilização constituía um processo especial que a humanidade experimenta (...) posso agora acrescentar que a civilização constitui um processo a serviço de Eros, cujo propósito é combinar indivíduos humanos isolados, depois família e, depois ainda, raças, povos e nações numa única grande unidade, a unidade da humanidade **(8)**.

O natural instinto agressivo do homem, a hostilidade de cada um contra todos e de todos contra cada um se opõe a esse programa da civilização. Esse instinto agressivo é o derivado e o principal representante do instinto de morte, que descobrimos lado a lado de Eros e que com esse divide o domínio do mundo. Agora, penso eu, o significado da evolução da civilização não mais nos é obscuro. Ele deve representar a luta entre Eros e a Morte, entre o instinto de vida e o instinto de destruição, tal qual como ela se elabora na espécie humana. Nessa luta consiste essencialmente toda a vida e, portanto, a evolução da civilização pode ser simplesmente descrita como a luta da espécie humana pela vida, diz Freud **(9)**.

O sentimento de culpa é expressão tanto do conflito devido à ambivalência, quanto da eterna luta entre Eros e o instinto de destruição ou morte. Esse conflito é posto em ação tão logo os homens se defrontem com a tarefa de viverem juntos. Enquanto a comunidade não assume outra forma que não seja a da família, o conflito está fadado a se expressar no complexo edipiano, a estabelecer a consciência e a criar o primeiro sentimento de culpa. Quando se faz uma tentativa para ampliar a comunidade, o mesmo conflito continua sob formas que dependem do passado; é fortalecido e resulta numa intensificação adicional do sentimento de culpa. Visto que a civilização obedece a um sentimento erótico interno que leva os seres humanos a se unirem num grupo estreitamente ligado, ela só pode alcançar seu objetivo através de um crescente fortalecimento do sentimento de culpa. O que começou em relação ao pai é completado em relação ao grupo. Se a civilização constitui o caminho necessário de desenvolvimento, da família à humanidade como um todo, então, em resultado do conflito inato surgido da ambivalência, da eterna luta entre as tendências de amor e de morte, acha-se a ele inextricavelmente ligado um aumento do sentimento de culpa **(10)**.

De acordo com Freud, o processo da civilização da espécie humana é, naturalmente, uma abstração de ordem mais elevada que a do desenvolvimento do indivíduo, sendo, portanto, de mais difícil apreensão em termos concretos **(11)**.

Já no processo do desenvolvimento individual, a ênfase principal recai sobretudo na premência egoísta (ou a premência no sentido da felicidade), ao passo que a outra premência, que pode ser descrita como “cultural”, geralmente se contenta com a função de

impor restrições. No processo civilizatório, porém, as coisas se passam de modo diferente. Aqui, de longe, o que mais importa é o objetivo de criar uma unidade a partir dos seres humanos individuais. É verdade que o objeto da felicidade ainda se encontra aí, mas relegado ao segundo plano. Quase parece que a criação de uma comunidade humana seria mais bem-sucedida se não se tivesse de prestar atenção à felicidade do indivíduo **(12)**.

Segundo o autor, “a questão fatídica da espécie humana parece-me ser saber se, e até que ponto, seu desenvolvimento cultural conseguirá dominar a perturbação de sua vida comunal causada pelo instinto humano de agressão e autodestruição (...) os homens adquiriram sobre as forças da natureza um tal controle, que, com sua ajuda, não teriam dificuldades em se exterminarem uns aos outros, até o último homem. Sabem disso, e é daí que provém grande parte de sua atual inquietação, de sua infelicidade e de sua ansiedade” **(13)**.

2.4 – Lovelock e a Hipótese Gaia

Agora me debruço sobre os conceitos retomados por James Lovelock em sua última reedição de seu best-seller “A Hipótese Gaia: a vingança final”. A Terra, em seu próprio interesse, mas não no nosso, poderá ser forçada a mudar para uma era quente, na qual possa sobreviver, embora numa condição reduzida e menos habitável. Se isso acontecer, como é provável, teremos sido nós a causa (...) a mudança está realmente acontecendo e a Terra fica mais quente ano após ano. Está cada vez mais sob o risco de

mudar para um estado estéril, no qual poucos de nós poderão sobreviver. Cientistas, particularmente Steve Schneider e Jim Hansen, reconheceram na década de 1980 a possibilidade de uma perigosa mudança climática em consequência de nossa poluição do ar com dióxido de carbono em excesso. Isso levou o eminente climatologista sueco Bert Bolin a convencer a Organização das Nações Unidas a criar um Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC) (...) o painel começou a reunir evidências sobre as mudanças químicas e físicas da atmosfera em 1990 **(1)**.

Medições publicadas por Stefan Rahmstorf e colegas em maio de 2007, na revista *Science*, constataram que o nível do mar estava subindo 1,6 vez mais rápido e a temperatura, 1,3 vez mais rápido do que o IPCC tinha previsto em 2007. Em setembro de 2007, ficamos arrasados, disse Lovelock, ao descobrir que somente 40% do gelo flutuante no oceano Ártico não tinha se derretido. É verdade que a perda visível em 2008 foi ligeiramente menor, mas o gelo restante diminuiu sua espessura para um valor recorde de 45 centímetros **(2)**.

Segundo o autor, a Terra foi colonizada pela vida há pelo menos 3,5 bilhões de anos, sendo sua temperatura e a composição de sua superfície definidas pelas preferências de quaisquer que tenham sido os organismos que formavam a biosfera. Isso foi verdadeiro no frio das eras glaciais, é verdadeiro agora e será verdadeiro no calor da era escaldante que em breve virá **(3)**.

Para ele, é absurdo pensar que nós podemos alterar a resposta da Terra a nosso favor pelo uso de energia eólica ou voltaica solar. Um parque eólico de vinte turbinas de 1 megawatt, por exemplo, exige mais de 10 mil toneladas de concreto. Mais absurdo ainda: seria

necessário construir uma central energética nuclear ou de carvão totalmente funcional para cada um desses monstruosos parques eólicos a fim de alimentar as turbinas durante 75% do tempo em que o vento fosse demasiado alto ou baixo. Como se isso não bastasse para condenar a energia eólica, a construção de um parque eólico de 1 gigawatt usaria uma quantidade de concreto de 2 milhões de toneladas, suficiente para construir uma cidade para 100 mil pessoas viverem em 30 mil lares; a fabricação e o emprego dessa quantidade de concreto lançariam cerca de 1 milhão de toneladas de dióxido de carbono no ar **(4)**.

Para Lovelock, a falha fundamental dos lobistas verdes de agora se revela no próprio nome Greenpeace; por aglutinarem o humanismo dos movimentos pela paz com o ambientalismo, eles inconscientemente antropomorfizam Gaia. Está na hora de despertar e perceber que Gaia não é nenhuma mãe acolhedora que acalenta os seres humanos e que pode ser aplacada por gestos como comércio de carbono ou desenvolvimento sustentável. Gaia, mesmo que façamos parte dela, sempre dita os termos da paz **(5)**.

Ele explica que a Hipótese de Gaia afirmava que a composição atmosférica da Terra é mantida em um estado dinamicamente estável pela presença de vida **(6)**.

Para o escritor Willian Golding, – que ganhou o Nobel e sugeriu o nome Gaia para Lovelock – Gaia, a deusa que do caos criou a ordem, era um título adequado para a hipótese sobre um sistema Terra que regulava seu clima e química de modo a preservar a habitabilidade **(7)**. Ele pregava que não existem regras ou prescrição para viver com Gaia, só existem conseqüências **(8)**.

(9 De acordo com o livro de Lovelock, Nigel Lawson sugere que o movimento verde de hoje seja uma nova religião. “Até certo ponto, concordo com ele”, diz o autor, como alguém que foi no passado um verde no velho estilo: “sinto-me desolado com o significado icônico de uma turbina eólica gigantesca num morro verde”. Parece estar fazendo pouco da Cruz. Vemos esse novo ícone em anúncios de página inteira de companhias energéticas, particularmente aquelas empresas que vendem energia obtida de combustível fóssil. Santifica a hipocrisia e a intenção delas de seguir funcionando da mesma maneira de sempre; elas sabem que a energia eólica, por causa da ineficiência, não é nenhuma ameaça ao seu principal ramo de negócio **(9)**).

O conceito de Gaia ou do mundo da natureza nunca foi atraente para os moradores das cidades, exceto para diversão. Perdemos o contato com a Terra quando nossa comida e sustento não eram mais imediata e obviamente dependentes do clima. Nosso peixe, carne, frutas e hortaliças agora vêm do supermercado e apenas uma rara inundação ou uma grande nevasca impede a colheita de qualquer grande rede varejista (...) quando o tempo está frio ou quente, o termostato cuida de manter confortável nosso ambiente interno. Ventos uivantes e chuvas torrenciais contra nossas janelas à prova de tempestades podem intensificar nossa sensação de conforto aconchegante e não, como faziam no passado, trazer medo de perda de safra quando os grãos eram levados aos campos lamacentos. Com muita lentidão, alguns começam a entender que o bem-estar de Gaia é mais importante que o bem-estar da humanidade. A ciência de Gaia confirma a ameaça à Terra, mas nos permite continuar com o velho naturalismo de que a Terra

normalmente é benigna, mas, assim como as antigas deusas, pode ser, às vezes, cruel, e em que apenas os humanos são sentimentais. Para sermos verdes de verdade, temos de nos despir da ilusão de que somos de alguma forma separados de Gaia. Somos parte dela como qualquer coisa viva e deveríamos nos sentir ligados, como em um bom casamento amoroso, até que a morte nos separe **(10)**.

No entanto, acredita Lovelock, se seguirmos um caminho verde puro e profundo e voltarmos a uma existência pré-fogo, bem poucos sobreviverão **(11)**.

3 – Análise de Mídia

De uma maneira randômica, ou seja, aleatória, como faria um leitor desavisado, pincei algumas reportagens sobre o tema e, como substrato final para esta discussão, elegi apenas uma, que se segue. Ela trata de um grupo radical de ecoterroristas que querem acabar com o conceito de consumo, como se fossem guardiões dionisíacos do nosso último útero: a Mãe Gaia.

Publicada no jornal O Estado de S. Paulo em 24 de junho de 2010, a matéria, intitulada “Ecoterroristas assumem ataque à concessionária Land Rover”, afirma que a polícia de São Paulo investiga grupo que reivindica, na internet, autoria do incêndio que atingiu concessionária na sexta-feira e causou prejuízo de R\$ 1,5 milhão.

“A Polícia Civil de São Paulo investiga a participação de eco-extremistas no incêndio ocorrido sexta-feira na concessionária de veículos de luxo Land Rover da Marginal do Pinheiros, na zona oeste da capital. A suspeita surgiu depois que um grupo de ativistas - que se identifica como Frente de Libertação da Terra (FLT) - assumiu por carta a autoria, no mesmo dia do suposto ataque, em fóruns da internet.

No início da semana, a informação, publicada em português e espanhol, espalhou-se por blogs e listas de e-mail. “É uma hipótese plausível e será uma nova linha de investigação”, diz o delegado responsável pelo inquérito, Ricardo Arantes Cestari, do 14.º Distrito Policial (Pinheiros). “Estamos analisando todas as informações e vamos procurar as pessoas que publicaram o texto pela internet.”

O andamento da investigação depende ainda da conclusão da perícia técnica sobre as causas do acidente, o que provavelmente deve ocorrer até o fim do mês. Mas outros indícios apontam para a atuação de extremistas no incêndio que destruiu oito Land Rovers e deu um prejuízo de cerca de R\$ 1,5 milhão. Uma testemunha disse a policiais ter visto três jovens jogarem um artefato por cima do muro da concessionária por volta das 2 horas e fugido minutos depois, em um carro branco. A Polícia Civil acredita que o objeto possa ter sido um coquetel incendiário. Segundo a o texto assinado pelo grupo, os gastos com o material explosivo foram de apenas R\$ 10 - uma maneira "simples, barata e eficiente de destruição".

Há também o precedente histórico. Apesar de não serem comuns no Brasil, atentados de eco-extremistas são frequentes nos Estados Unidos e na Europa há pelo menos três décadas. E um dos principais alvos dos ativistas são os utilitários esportivos, comumente relacionados ao elevado consumo de combustível - como menciona o comunicado.

Ameaças. A carta ainda termina com ameaça de novos atos. "Não ficaremos parados assistindo à destruição do planeta e de suas espécies de braços cruzados. Da mesma maneira que esses carros queimaram, outros carros, casas, caminhões e estabelecimentos que danificam e exploram a terra e os animais também queimarão. Já está mais do que na hora dos pilares de nossa civilização virem abaixo", diz.

Além de crime com fins políticos, a polícia também trabalha com a possibilidade de vandalismo comum ou mesmo de golpe de seguro, já que a maioria dos carros atingidos pelo incêndio - cujo valor

médio é de R\$ 200 mil - estava segurada. A hipótese de uma pane elétrica ter provocado o incêndio é considerada remota pelos policiais. Procuradas pelo **Estado**, a concessionária e a Land Rover afirmaram que a investigação é atribuição da polícia e não quiseram se pronunciar sobre o possível envolvimento de ativistas.

Existem diversos grupos de eco-extremismo atuantes no mundo, mas praticamente todos defendem o mesmo fundamento: não machucar homens ou animais em seus atentados. Por isso, essas ações são definidas pelos ativistas como "sabotagem", e não "terrorismo".

Autoridades americanas, no entanto, classificam os grupos como "ecoterroristas" e alertam para o perigo desses atos. Um levantamento de 2005 do FBI aponta que, desde 1990, mais de 1.200 atentados do tipo haviam sido realizados por esses grupos nos EUA - todos sem vítimas".

4 – Conclusão

Como citei no início do trabalho, referindo-me à frase de Lewontin, o preço da metáfora é a eterna vigilância. Meu intuito foi discutir como tem se operado a nova metáfora, segundo a qual nosso último útero, a calota da terra que nos protege do caos cosmo, está sendo literal e figurativamente violada. Óbvio que o conceito de decadência e degeneração, tão caros ao jovem Freud que estuda com Charcot em Paris, agora reveste-se de outras roupagens. A Terra, a grande mãe, poderá se vingar (e já estaria se vingando) dessa ruptura uterina, demandada pelo progresso: somos todos anjos caídos, pagando um preço caro por termos abandonados o estado uterino, adamítico, que a mãe-terra nos deu sempre de barato.

O ambientalismo moderno seria, portanto, a idéia de decadência mais recente na história ocidental, pois representaria um pessimismo histórico e cultural da nossa época. Sustentar o discurso ambientalista e pregar uma volta à Terra, ao grande útero materno, seria explicado pelo primitivo e pelo selvagem que subsistem como parte da psique do indivíduo na forma do id. Segundo Freud, “a mente primitiva é, no mais complexo sentido da palavra, indestrutível”, e a formação cultural do homem desmentiria a afirmação de que a civilização seja um estado nitidamente diferente da barbárie, já que as estruturas psicológicas internas de ambas são de fato as mesmas. De acordo com “A história da decadência na cultura ocidental”, a sociedade moderna, não está imune ao selvagem e ao irracional, pois “seus crimes e impulsos

originais sobrevivem na memória coletiva e nas instituições que dão sentido e estrutura à vida social”.

A oposição dos ambientalistas seria contra o “o ego moderno ocidental”, definido por Naess como “um ego isolado lutando restritamente por uma satisfação hedonística ou pela salvação individual nesta vida ou na próxima”. Para se livrar disso, a solução é a busca por “nossa única humanidade espiritual/biológica, através da unidade com a natureza”.

Este ego seria o responsável pela destruição da Terra e de seus recursos naturais, cujo expoente deste pensamento é o biólogo inglês James E. Lovelock, que fundamentou a Hipótese Gaia, segundo a qual a Terra seria um ser vivo de direito próprio e presciente, dotado de mecanismos de controle sobre os organismos constituintes da sua biosfera, inclusive o homem. “Sob tal dogma, Gaia passa a ser sacralizada, juntamente com todos os seres que nela vivem, devendo os seus processos evolutivos ser deixados seguir o seu curso “natural”, de preferência, sem intervenção humana”, explica Hermann. Para Lovelock, a falha fundamental dos ambientalistas é antropomorfizar Gaia, mesmo que inconscientemente.

Portanto, o inimigo real de Gaia e da manutenção do grande útero é a própria humanidade, responsável por situações como aquecimento global, escassez de água, etc. Os ambientalistas acreditam que o que chamamos de nossa civilização é em grande parte responsável por nossa desgraça e que seríamos muito mais felizes se a abandonássemos e retornássemos às condições primitivas.

Para o autor, parece certo que não nos sentimos confortáveis na civilização atual, mas é muito difícil formar uma opinião sobre se, e em que grau, os homens de épocas anteriores se sentiram mais felizes, e sobre o papel que suas condições culturais desempenharam nessa questão.

O que começou em relação ao pai é completado em relação ao grupo. Se a civilização constitui o caminho necessário de desenvolvimento, da família à humanidade como um todo, então, em resultado do conflito inato surgido da ambivalência, da eterna luta entre as tendências de amor e de morte, acha-se a ele inextricavelmente ligado um aumento do sentimento de culpa.

O conceito de Gaia ou do mundo da natureza nunca foi atraente para os moradores das cidades, exceto para diversão. Perdemos o contato com a Terra quando nossa comida e sustento não eram mais imediata e obviamente dependentes do clima. Nosso peixe, carne, frutas e hortaliças agora vêm do supermercado e apenas uma rara inundação ou uma grande nevasca impede a colheita de qualquer grande rede varejista (...) quando o tempo está frio ou quente, o termostato cuida de manter confortável nosso ambiente interno. Ventos uivantes e chuvas torrenciais contra nossas janelas à prova de tempestades podem intensificar nossa sensação de conforto aconchegante e não, como faziam no passado, trazer medo de perda de safra quando os grãos eram levados aos campos lamacentos. Com muita lentidão, alguns começam a entender que o bem-estar de Gaia é mais importante que o bem-estar da humanidade. A ciência de Gaia confirma a ameaça à Terra, mas nos permite continuar com o velho naturalismo de que a Terra normalmente é benigna, mas, assim como as antigas deusas, pode

ser, às vezes, cruel, e em que apenas os humanos são sentimentais. Para sermos verdes de verdade, temos de nos despir da ilusão de que somos de alguma forma separados de Gaia. Somos parte dela como qualquer coisa viva e deveríamos nos sentir ligados, como em um bom casamento amoroso, até que a morte nos separe.

Não existe mito, se não existir o desvendar de um mistério, a revelação de um evento primordial que fundou quer uma estrutura do real, quer um comportamento humano. Donde resulta que, pelo seu próprio modo de existir, o mito não pode ser particular, privado, pessoal, explica Eliade. A metáfora decorrente do novo mito da decadência está cada vez mais viva.

5 - NOTAS

1- INTRODUÇÃO

(1) LEWONTIN, Richard. "The ideology of the DNA". Penguin Books, 1998, p.17

(2) <http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/M/metafora.htm>

(3) idem

(4)

http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:kd2Pvk5NgjEJ:www.febrapsi.org.br/publicacoes/artigos/victorandrade_ipa.doc+útero+freud&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br

(5) <http://pt.wikipedia.org/wiki/Histeria>

(6) http://pt.wikipedia.org/wiki/Hipótese_de_Gaia

(7) Vários autores, revista Mediação, número 6, Universidade Fumec, Belo Horizonte, p. 86.

2- QUADRO CONCEITUAL

2.1- DECADÊNCIA

(1) **HERMAN**, Arthur. *A ideia de decadência na história ocidental*. Editora Record, Rio de Janeiro, 2001. (Trad: Cynthia Azevedo e Paulo Soares) p. 21

(2) Idem p. 22

(3) Ibidem p. 30

(4) Ibidem p. 33

- (5) Ibidem p. 35
- (6) Ibidem p. 36
- (7) Ibidem p. 37
- (8) Ibidem p. 38
- (9) Ibidem p. 50
- (10) Ibidem p. 123
- (11) Ibidem p. 124
- (12) Ibidem p. 152
- (13) Ibidem p. 417
- (14) Ibidem p. 419
- (15) Ibidem p. 422
- (16) Ibidem p. 427
- (17) Ibidem p. 430
- (18) Ibidem p. 433
- (19) Ibidem p. 433
- (20) Ibidem p. 434
- (21) Ibidem p. 437
- (22) Ibidem p. 438
- (23) Ibidem p. 439
- (24) Ibidem p. 441
- (25) Ibidem p. 445

2.2- MÁFIA VERDE

(1) **CARRASCO**, Lorenzo. *Máfia Verde: O ambientalismo a serviço do governo mundial*. Editora Capax Dei, Rio de Janeiro, 2004.

(Trad: Yara Nogueira Muller) p. 39

(2) Idem p. 42

(3) Ibidem p. 44

(4) Ibidem p. 46

(5) Ibidem p. 47

(6) Ibidem p. 51

(7) Ibidem p. 51

(8) Ibidem p. 52

(9) Ibidem p. 53 e 54

(10) Ibidem p. 56

(11) Ibidem p. 60

(12) Ibidem p. 63

(13) Ibidem p. 73

2.3 - FREUD

(1) **FREUD**, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. In: *Obras Completas*. Imago Editora, Rio de Janeiro, s/d, Vol XXI. (Trad: Adelheid Koch et al) p. 93

(2) Idem p. 94

(3) Ibidem p. 94

(4) Ibidem p. 95

(5) Ibidem p. 96

(6) Ibidem p. 97

(7) Ibidem p. 99

(8) Ibidem p. 125

(9) Ibidem p. 126

(10) Ibidem p. 135

(11) Ibidem p. 142

(12) Ibidem p. 143

(13) Ibidem p. 147

2.4 - LOVELOCK

(1) **LOVELOCK**, *James*. *Gaia: Alerta final*. Editora Intrínseca, Rio de Janeiro, 2010. (Trad: Jesus de Paula Assis) p. 17

(2) Idem p. 23

(3) Ibidem p. 33

(4) Ibidem p. 33

(5) Ibidem p. 42

(6) Ibidem p. 161

(7) Ibidem p. 189

(8) Ibidem p. 190

(9) Ibidem p. 215

(10) Ibidem p. 216

(11) Ibidem p. 235